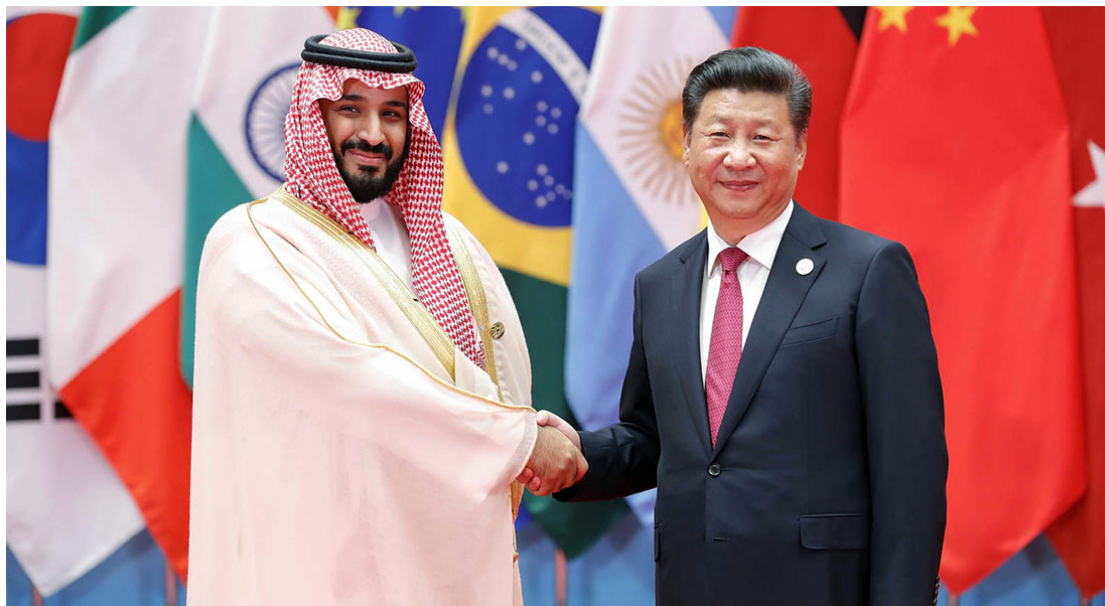


A DIPLOMACIA COERCITIVA DOS EUA NA ARÁBIA SAUDITA

Por M.K. Bhadrakumar*



O presidente chinês Xi Jinping (dir.) cumprimenta o príncipe herdeiro saudita Mohammed bin Salman na Cúpula do G20 em 4 de setembro de 2016 em Hangzhou, China (Lintao Zhang/Getty Images).

A possível visita de Xi Jinping à Arábia Saudita, em meio às notícias de que Riad e Pequim negociam vendas de petróleo em yuan – transações que não apareceriam no SWIFT, inviabilizando seu monitoramento –, está enervando o governo Biden.

Cerca de três semanas após a reunião do chefe da CIA, William Burns, com o herdeiro da Arábia Saudita, o príncipe Mohammed bin Sultan, a reunião ministerial da OPEP+ realizou uma videoconferência na quinta-feira (5 de maio).

A reunião da OPEP+ ficou satisfeita com o fato de que “os fundamentos contínuos do mercado de petróleo e o consenso sobre as perspectivas apontavam para um mercado equilibrado”. O comunicado de imprensa divulgado em Viena diz que a executiva “observou ainda os efeitos contínuos de fatores geopolíticos e questões relacionadas com a pandemia em curso” e decidiu que a OPEP+ se apega ao mecanismo de ajuste mensal da produção acordado em julho do ano passado “para ajustar para cima o total mensal produção em 0,432 milhão de barris/dia para o mês de junho de 2022”.

De acordo com a ex-editora do *Wall Street Journal*, Karen Elliott House, Burns foi à Riad para uma “dança de acasalamento” com o príncipe Mohammad – ou seja, o príncipe deve cooperar em uma nova estratégia de petróleo por segurança para “aumentar a produção para salvar as nações europeias da falta de energia”.

A visita de Burns ao Reino ocorreu pouco antes da 5ª rodada de negociações de normalização saudita-iraniana em Bagdá entre o chefe da inteligência saudita e o

vice-chefe do Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã. O primeiro-ministro iraquiano Mustafa al-Kadhemi, que atuava como mediador e participou da última rodada de negociações, disse à mídia estatal na semana passada: “Nossos irmãos na Arábia Saudita e no Irã abordam o diálogo com uma grande responsabilidade, conforme exigido pela atual situação regional. Estamos convencidos de que a reconciliação está próxima”.

A *Nournews*, filiada ao Conselho Supremo de Segurança Nacional do Irã, também informou em 24 de abril que a quinta rodada de negociações sobre uma possível *détente* foi “construtiva” e os negociadores conseguiram “traçar uma imagem mais clara” de como retomar as relações bilaterais e, “dado o diálogo bilateral construtivo até agora, existe a possibilidade de uma reunião entre os principais diplomatas iranianos e sauditas em um futuro próximo”.

A missão de Burns não poderia ter sido indiferente à trajetória de reconciliação dos sauditas com Teerã. Com o resultado incerto das negociações do JCPOA em Viena, os laços estreitos do Irã com a Rússia e a China continuam sendo uma grande preocupação para Washington. E com a teimosa recusa de Teerã em ajustar suas políticas regionais para se adequar às estratégias dos EUA, Washington recorreu à opção padrão de ressuscitar a frente anti-Irã de seus aliados regionais. Os EUA esperam que a Arábia Saudita suba a bordo dos Acordos de Abrahão.

Enquanto isso, a questão dos preços do petróleo voltou ao centro do palco. De fato, os altos preços significam alto rendimento para a Rússia. As vendas de petróleo e gás natural da Rússia superaram em muito as previsões iniciais para 2021 como resultado da disparada dos preços, respondendo por 36% do orçamento total do país. As receitas superaram os planos iniciais em 51,3%, totalizando US\$ 119 bilhões. Os planos mais bem elaborados do governo Biden para paralisar a economia russa estão se desfazendo. Da mesma forma, o alto preço do petróleo também é uma questão doméstica para Biden. Acima de tudo, a menos que a Europa encontre outras fontes, continuará comprando petróleo russo.

No entanto, o príncipe Mohammad tem uma agenda diferente. Ele provavelmente governará a Arábia Saudita por muitas décadas – meio século se viver até os 86 anos, a idade de seu pai. E o príncipe tem sido notavelmente bem-sucedido na criação de uma “base de poder”. Suas mudanças de estilo de vida foram um sucesso estrondoso entre os sauditas com 35 anos ou menos – 70% dos cidadãos do Reino – e sua ambição de transformar a Arábia Saudita em um líder tecnológico moderno acende a imaginação da juventude.

Claramente, sua recusa em punir a Rússia e seu gesto de colocar a quantia principesca de US\$ 2 bilhões em um novo fundo de investimento não testado iniciado pelo genro de Trump, Jared Kushner, falam por si. O príncipe Mohammed também teria suas próprias razões, começando com a referência desdenhosa de Biden à Arábia Saudita como “estado pária” e a recusa em negociar pessoalmente.

O príncipe reagiu recentemente recusando-se a atender uma ligação de Joe Biden. Além disso, as restrições dos EUA à venda de armas; a resposta insuficiente aos ataques à Arábia Saudita por forças houthis; a publicação de um relatório sobre o assassinato de Jamal Khashoggi em 2018 – tudo isso está em jogo aqui.

Mesmo que o governo consiga a aprovação do Congresso para novas garantias de segurança para a Arábia Saudita (o que é bastante problemático), o príncipe Mohammad pode não ser influenciado, já que, no final das contas, os altos preços do petróleo também aumentam o orçamento saudita.

O paradoxo é que tanto a Arábia Saudita quanto a Rússia são partes interessadas na OPEP+, como fica evidente no aviso explícito à UE pelo secretário-geral da OPEP, Mohammad Barkindo, no mês passado, de que seria impossível substituir mais de 7 milhões de barris por dia de petróleo russo e outras exportações potencialmente perdidas devido a sanções ou ações voluntárias atuais ou futuras.

Em um fluxo tão torrencial onde as contracorrentes estão espumando e se agitando, o que provavelmente mais enerva o governo Biden pode ser a conversa de que o presidente chinês Xi Jinping pode estar planejando visitar a Arábia Saudita, em meio a relatórios persistentes recentemente de que Riad e Pequim estão em negociações para precificar algumas vendas de petróleo do país do Golfo em yuan em vez de dólares, o que de fato marcaria uma mudança profunda para o mercado de petróleo e ajudaria a avançar os esforços da China para convencer mais países e investidores internacionais a realizar transações em sua moeda.

A explicação saudita para a mudança para o yuan é que o Reino poderia usar parte das receitas da nova moeda para pagar empreiteiros chineses envolvidos em megaprojetos dentro do Reino internamente, o que reduziria os riscos associados aos controles de capital que Pequim impõe à sua moeda. Mas, para Washington, isso significa que certas transações entre Arábia Saudita e China em yuan não aparecem no retrovisor da infraestrutura de mensagens SWIFT, tornando o monitoramento de transações inviável.

Há relatos persistentes nos EUA de que, com o apoio chinês, a Arábia Saudita pode estar construindo uma nova instalação de processamento de urânio perto de Al Ula para aprimorar sua busca pela tecnologia nuclear. O generoso apoio financeiro de US\$ 8 bilhões da Arábia Saudita ao Paquistão, revelado esta semana, quase certamente causará soluções em Washington.

A Arábia Saudita é um pilar central da iniciativa de infraestrutura do Cinturão e Rota da China e está classificada entre os três principais países do mundo para projetos de construção chineses, de acordo com o China Global Investment Tracker, administrado pelo American Enterprise Institute. Basta dizer que a ligação do chefe da CIA não poderia ser para uma conversa amigável com o príncipe Mohammad.

Publicado no [Indian Punchline](#).

**M.K. Bhadrakumar foi diplomata de carreira por 30 anos no Serviço de Relações Exteriores da Índia. Serviu na embaixada da Índia em Moscou em diversas funções e atuou na Divisão Irã-Paquistão-Afganistão e na Unidade da Caxemira do Ministério das Relações Exteriores da Índia. Ocupou cargos nas missões indianas em Bonn, Colombo, Seul, Kuwait e Cabul; foi alto comissário interino adjunto em Islamabad e embaixador na Turquia e no Uzbequistão.*
